

Diabetes: Um mal conhecido entre os brasileiros

Por Leonardo Dias

FOTO: Arquivo Pessoal



Rebecca Ortiz La Banca

Educadora em diabetes e Pesquisadora do Grupo de Estudos do Brinquedo (GEBrinq). Colaboradora no Departamento de Enfermagem da Sociedade Brasileira de Diabetes. Membro da American Association of Diabetes Educators (AADE) e American Diabetes Association (ADA). Desenvolve pesquisas nas áreas: Enfermagem pediátrica; Educação em diabetes; Estratégias Lúdicas e Diabetes tipo 1.

FOTO: Arquivo Pessoal



Marina Figueiredo

Gerente da Área Médica da Roche Diabetes Care. Tem mais de 11 anos de experiência na indústria farmacêutica, atuando nas áreas médica, pesquisa clínica e comercial, com passagens pela Roche Farma, Apsen e Sanofi. É graduada em Farmácia-Bioquímica pela UNESP.

A Diabetes está entre as doenças mais habituais no Brasil. De acordo com o Atlas do Diabetes da Federação Internacional de Diabetes (IDF), cerca de 17 milhões de brasileiros adultos (20 a 79 anos) convivem com este mal. A estimativa é de que em 2030 este número chegue à 21,5 milhões. O país é o 5º com a maior incidência da doença no mundo, ficando atrás apenas de China, Índia, Estados Unidos e Paquistão.

De acordo com a Sociedade Brasileira de Diabetes, existem 4 tipos de Diabetes: Diabetes Mellitus tipo 1; Diabetes Mellitus tipo 2; Diabetes Mellitus Gestacional e uma classificação que chamam de “outro tipos de Diabetes”. Quem nos trouxe essas e outras informações sobre a doença foi a Enfermeira e educadora em Diabetes, Rebecca Ortiz.

Revista Nursing: Quais as diferenças entre os tipos de Diabetes?

Rebecca Ortiz:

O Diabetes Mellitus tipo 1 era chamado “Diabetes Infanto-Juvenil”, porque é mais comum na população pediátrica, porém, hoje também se vê este diagnóstico em adultos. É ocasionado por uma reação autoimune, que causa a destruição das células beta do pâncreas, que para de produzir insulina. Os sintomas iniciais do Diabetes tipo 1 são o que chamamos de “os quatro P”, pois a pessoa tem Polidipsia, Polifagia, Poliúria, e perda involuntária de peso. As pessoas com sintomas da hiperglicemia sentirão sede, vontade de urinar e fome, tudo em excesso.

Já na Diabetes Mellitus tipo 2 e a Gestacional, a maior característica é

que a pessoa ainda produz insulina, porém, as células periféricas têm resistência em absorver esses hormônios porquê existe resistência na entrada das células. Na gestacional isso é uma característica da própria gestação, porque a placenta induz essa resistência insulínica, principalmente no terceiro trimestre.

Revista Nursing: Como deve ser a prevenção à Diabetes?

Rebecca Ortiz:

Depende do tipo de diabetes, quando falamos de diabetes mellitus tipo 1, que é o autoimune, não existe ainda uma causa identificada ou um fator que possa ser prevenido, por isso existem estudos genéticos que mostram a importância da gente fazer um rastreamento na família e entender quais são os fatores que levam a essa reação autoimune, mas não existe uma forma de prevenção.

Já no diabetes mellitus tipo 2 e no gestacional, que a causa é a resistência insulínica, a melhor prevenção é o estilo de vida saudável, ou seja, se manter em um nível de eutrofia, não em sobrepeso ou obesidade e fazer atividade física regular.

Revista Nursing: Como a pandemia do COVID-19 afetou os pacientes com Diabetes?

Rebecca Ortiz:

Para os que não foram acometidos com COVID, houveram problemas pelo isolamento e pela dificuldade de serem atendidos no sistema de saúde. Processo esse que é fundamental com toda

a equipe multidisciplinar, não só com endocrinologista, porque assim a pessoa vai entender quais são os pontos de atenção no seu tratamento e fazer os ajustes necessários. O aspecto psicológico e emocional também interfere na glicemia, e pode levar a maiores quadros hiperglicêmicos devido aos hormônios circulantes no quadro de stress.

Já aqueles que foram acometidos com o COVID foi ainda mais desafiador, porque a infecção trás hormônios contra reguladores que dificultam de absorção ou produção de insulina, com isso, a pessoa fica na hiperglicemia sustentada e isso não ajuda na recuperação dela da infecção respiratória, por isso o diabetes é considerado um dos fatores de risco pro COVID e porque sabemos que as pessoas que têm diabetes têm uma resposta imunológica mais devagar. Então a pandemia no geral teve esses impactos negativos nas pessoas que convivem com diabetes.

Revista Nursing: Qual o papel da enfermagem no tratamento dos pacientes com Diabetes?

Rebecca Ortiz:

Essencial, pois o enfermeiro é aquele que tem uma visão sistêmica do cuidado da pessoa com diabetes. Somos nós quem criamos conexões e pontes entre os profissionais que atendem aquela pessoa. Somos nós quem temos o olhar holístico para aquele indivíduo, e entendemos não só dos valores de glicemia, dos medicamentos orais ou da questão de aplicação de insulina, mas principalmente das relações com a sua rede de apoio, como eles navegam no sistema de saúde e conseguem acesso aos insumos, aos medicamentos e seu tratamento, e somos nós quem fazemos educação e prevenção em saúde.

Desde a década de 70, quando iniciou o desenvolvimento dos métodos de testes rápidos de glicemia, a Roche posicionou-se como referência no mercado de monitorização da diabetes. Por

meio da Roche Diabetes Care, o grupo é líder no setor, no Brasil e no mundo, oferecendo sistemas práticos, portáteis e de fácil utilização pelos pacientes. A Gerente da Área Médica da Roche Diabetes Care, Marina Figueiredo, explicou como a empresa trabalha para desenvolver produtos para pacientes com diabetes.

Revista Nursing: Quais produtos da Roche Diabetes Care oferece para pessoas com diabetes?

Marina Figueiredo:

A Roche Diabetes Care possui portfólio para monitoramento e gestão do diabetes, oferecendo sistemas práticos, portáteis e de fácil utilização. Por meio da nossa marca Accu-Chek, oferecemos uma linha de monitores de glicemia, lancetadores, agulha para aplicação de insulina e temos também uma bomba de insulina para pacientes com diabetes tipo 1. Além disso, também contamos com uma série de soluções digitais, que auxiliam médicos e pacientes no controle do diabetes.

Revista Nursing: Como esses produtos influenciam a vida dos pacientes?

Marina Figueiredo:

Diabetes é uma doença crônica na qual parte do sucesso do tratamento consiste no monitoramento da glicemia, cuidando para que ela esteja dentro da faixa alvo indicada, e prevenindo, assim, futuras complicações da doença. Os produtos da Roche Diabetes Care colaboram diariamente para que o paciente possa atingir o controle desejado e assim ter uma boa qualidade de vida.

Revista Nursing: O que a Roche Diabetes Care oferece de diferente no mercado?

Marina Figueiredo:

A Roche Diabetes Care está pre-

sente em mais de 100 países e é líder no Brasil e no mundo no mercado de monitorização. Todo esse sucesso só é possível por meio de produtos que contam com precisão, segurança e confiabilidade. Além disso, a empresa é pioneira no País a oferecer um sistema integrado de tratamento por meio de suas soluções digitais direcionadas a médicos e órgãos públicos.

Nossos softwares se adaptam às necessidades de cada um dos pacientes, como, por exemplo, o aplicativo mySugar, que empodera a pessoa com diabetes para melhorar a gestão da doença. Já o Roche Diabetes Care Platform, voltado para profissionais de saúde, oferece controle total dos insumos utilizados e histórico do paciente com diabetes, facilitando a administração do estoque de tiras, o acompanhamento da evolução dos pacientes e gráficos personalizáveis que auxiliam na tomada de decisão durante o tratamento. 🐾



Desde a década de 70, quando iniciou o desenvolvimento dos métodos de testes rápidos de glicemia, a Roche posicionou-se como referência no mercado de monitorização da diabetes

